



O *Elogio de Helena* de Isócrates: réplica a Górgias e a unicidade de seu discurso epidítico

Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.25187/codex.v5i1.10857>

Resumo:

Por volta de 390-80 a.C., o ateniense Isócrates compõe um de seus primeiros discursos como educador, o *Elogio de Helena*. De acordo com boa parte da crítica, esse discurso parece ser uma réplica ao famoso *Elogio de Helena* de Górgias, que, segundo Isócrates (§14), teria composto não um encômio, mas uma apologia em nome da rainha espartana. No encômio isocrático, percebemos certa dissonância entre o próêmio e o restante da obra. Com efeito, ainda não temos no próêmio o tom encomiástico esperado, mas ele se configura, ao contrário, como uma invectiva a grupos de sofistas contemporâneos de Isócrates, e culmina, ao final, com uma crítica alusiva ao sofista de Leontine. Destarte, o que os sofistas do séc. IV a.C. teriam em comum com a mítica Helena? Em outras palavras, haveria algum fio condutor que assegurasse uma unicidade discursiva nesse exercício epidítico de Isócrates? O presente trabalho tem por finalidade discutir essas questões e rever como elas vêm sendo debatidas por alguns comentadores de Isócrates, partindo de Aristóteles na *Retórica* até a recepção do problema entre alguns dos estudiosos de Retórica Clássica do séc. XX.

Palavras-chave: Isócrates; Górgias; *Elogio de Helena*; gênero epidítico

Abstract:

Around 390-80 BC, the Athenian Isocrates composed one of his first speeches as an educator, the *Helen*. According to most scholars, this speech seems to be a replica to the famous Eulogy of Helen by Gorgias, which, according to Isocrates (§14), would have made not an encomium, but an apology on behalf of the Spartan queen. In the Isocratic encomium, we noticed some dissonance between the proemium and the rest of the work. In fact, we do not have in the proemium the expected laudatory tone, but it is configured, on the contrary, as an invective to sophists groups contemporary of Isocrates, and culminates in the end with an allusive criticism of the Leontine sophist. Thus, what the IV century BC sophists have in common with the mythical Helen? In other words, would there be a common thread that would ensure a discursive unity in that epideictic exercise of Isocrates? This study aims to discuss these issues and review how they are being discussed by some commentators of Isocrates, since the *Rhetoric* of Aristotle to the reception of the matter among some scholars of Classical Rhetoric in the XX century.

Keywords: Isocrates; Gorgias; *Helen*; epideictic genre

¹ Professor de Língua e Literatura Grega do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (IL-UFBA). Doutor em Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). E-mail: ticiano_cl@bol.com.br.



Segundo a crítica, o *Elogio de Helena* de Isócrates é provavelmente um discurso pouco posterior a seu “manifesto panfletário” (KENNEDY, George, 1994, p. 43) *Contra os Sofistas*, escrito também por volta de 390-80 a.C. (HERMIDA, Juan, 1979, p. 166), mesmo período em que o autor inicia sua carreira como educador em Atenas. Ao que tudo indica, esse discurso é, desde seu título, uma provável resposta ao discurso homônimo de Górgias, havendo ainda outras possibilidades menos defendidas pelos estudiosos, como discursos perdidos de Anaxímenes ou de Alcidas (KENNEDY, George, 1958, p.79). De todo modo, aceitemos a interpretação mais corrente de que o *Elogio de Helena* de Isócrates seja uma réplica ao *Elogio de Helena* de Górgias, conforme argumentos que serão apresentados no decorrer deste estudo.

O discurso isocrático consiste fundamentalmente em um “verdadeiro” encômio a Helena, personagem mítica do ciclo troiano, bem conhecida até nossos dias, e ainda mais para os gregos do período clássico, através preponderantemente da épica homérica e da tragédia ateniense. “Verdadeiro encômio”, no caso, pois aquele de Górgias não é considerado por Isócrates como um elogio (§14), mas sim como uma defesa, o que corresponderia, em termos aristotélicos, a um discurso de âmbito judiciário, como veremos adiante.

Todavia, a motivação de Isócrates para a composição do *Elogio de Helena* vai também além desta importante questão, e divide muitas opiniões a serem expostas nesse estudo. O presente trabalho tentará estabelecer considerações acerca do gênero epidítico no qual o discurso é geralmente classificado, para que, a partir delas, possamos discutir, com o apoio de alguns críticos, a questão que versa sobre a existência ou não de uma unidade genérica ou temática no *Elogio de Helena*.

Para que possamos desde já perceber certa dissonância entre as partes do discurso, vejamos como suas partes podem ser desmembradas:

I – Proêmio

01-13 – Crítica a educadores, oradores ou filósofos contemporâneos.

14-15 – Alusão ao *Elogio de Helena* de Górgias e justificativa da escolha do tema mítico.

II – Elogio (ou, o corpo do discurso)

16-17 – Linhagem mítica de Helena.

18-37 – Elogio a Teseu.

38-40 – Helena e seus pretendentes.

41-48 – Helena e Páris.

49-53 – Helena em meio aos conflitos entre gregos e troianos.

54-60 – Elogio à beleza.

61-66 – Elogio ao poder de Helena.

III – Peroração

67-69 – O sucesso dos gregos ante os bárbaros graças a Helena e a infinidade de argumentos para elogiá-la.

Como será visto, o discurso é rico em informações e multifacetário, abrindo assim a possibilidade para diversas abordagens e interpretações. O problema de unidade discursiva ou temática do texto quanto à relação entre o proêmio (I) e o restante do discurso, ou seja, o elogio em si e sua peroração (II e III), constitui o cerne da discussão. As diversas interpretações dos estudiosos baseiam-se precisamente nessa relação, bem como nas intenções de Isócrates desde a escolha do tema até questões de gênero e possíveis ideais políticos presentes no encômio a Helena.

1 – O gênero epidítico do discurso: problemas de classificação

O proêmio do *Elogio de Helena* de Isócrates é muito semelhante ao de seu manifesto *Contra os Sofistas*: são feitas diversas referências alusivas a pensadores, sofistas ou professores, contemporâneos do autor, sendo eles criticados quanto a seus métodos e teorias de ensino.

Inicialmente (§1), sofrem suas acusações (i) “aqueles que afirmam não ser possível dizer mentiras, nem se contradizer, nem falar acerca dos mesmos assuntos em dois discursos antagônicos”, (ii) “aqueles que dizem que a coragem, a sabedoria e a justiça são a mesma coisa, e que nós não obtemos nenhuma delas por natureza, mas que há somente um conhecimento que agrega todos”, e, por fim, (iii) os que “perdem seu tempo em disputas verbais que não servem para nada, mas que podem trazer problemas a seus discípulos”. Kennedy (1958, p. 77-78) reconhece nesses três grupos atacados como sendo (i) Antístenes e seus seguidores, (ii) Platão (e sua Academia), que defende, *grosso modo*, a unidade das virtudes e sua identidade com o conhecimento, e (iii) um grupo de dialéticos da escola de Mégara, os chamados “erísticos”. Isócrates, ao longo do proêmio, considera que esses homens reproduzem em geral um pensamento obsoleto, comparando suas teorias ao pensamento de famosos sofistas da geração anterior do séc. V a.C., como Protágoras, Górgias, Zenão e Melisso. Nos parágrafos seguintes (2-13), o autor elabora melhor sua crítica e discorre sobre a educação transmitida pelos sujeitos desses três grupos delimitados no primeiro parágrafo, argumentando que ela não está voltada para assuntos verdadeiramente sérios e para a política, e que os discursos ensinados por eles não teriam, segundo Isócrates, utilidade prática alguma.

No final do proêmio, porém, antes de iniciar propriamente o elogio, Isócrates faz menção ao *Elogio de Helena* de Górgias da seguinte maneira:

14. Διὸ καὶ τὸν γράψαντα περὶ τῆς Ἑλένης ἐπαινῶ μάλιστα τῶν εὖ λέγειν τι βουλευθέντων, ὅτι περὶ τοιαύτης ἐμνήσθη γυναικὸς ἢ καὶ τῷ γένει καὶ τῷ κάλλει καὶ τῇ δόξῃ πολὺ διήνεγκεν. Οὐ μὴν ἀλλὰ καὶ τοῦτον μικρὸν τι παρέλαθεν· φησὶ μὲν γὰρ ἐγκώμιον γεγραμέναι περὶ αὐτῆς, τυγχάνει δ' ἀπολογίαν εἰρηκῶς ὑπὲρ τῶν ἐκείνη πεπραγμένων.

14. Por isso também exalto, sobretudo, dentre os que quiseram falar bem sobre algum assunto, aquele que escreveu acerca de Helena, porque recordou de tal mulher que muito se distinguiu por sua origem, beleza e fama. No entanto, não se atentou a um pequeno detalhe: diz ter escrito um *encômio* a respeito dela, mas acabou por proferir uma *defesa* em nome de seus feitos.

A alusão a Górgias parece ser direta. De fato, Górgias, apesar de nomear seu discurso como um ἐγκώμιον (*encômio*), faz seu elogio, do ponto de vista estrito do termo, em apenas três parágrafos de seu discurso (3-5). No mais, sua intenção fundamental é (i) eximir Helena do fardo de ter sido culpada pela Guerra de Tróia por ter fugido com Páris (SCHIAPPA, Edward, 1999, p. 187), (ii) e refutar e desmascarar seus acusadores, (iii) libertando-a assim da culpa que a impuseram por tanto tempo, como se ela estivesse perante um tribunal. Isócrates se vale precisamente do

substantivo ἀπολογία (apologia) para definir o tipo de discurso praticado por Górgias em seu *Elogio de Helena*; o próprio Górgias, aliás, se refere ao escopo de sua argumentação como uma espécie de “defesa” em nome de Helena, tendo em vista a ocorrência do verbo de mesma raiz daquele substantivo: ἀπολογήσασθαι (defender):

8. εἰ δὲ λόγος ὁ πείσας καὶ τὴν ψυχὴν ἀπατήσας, οὐδὲ πρὸς τοῦτο χαλεπὸν ἀπολογήσασθαι καὶ τὴν αἰτίαν ἀπολύσασθαι ὧδε. [...]

8. Mas se foi o discurso que a persuadiu e enganou sua mente, não é difícil *defendê-la* disso, nem libertá-la da culpa. [...]

Segundo a alusão isocrática, Górgias se propõe a tecer um encômio, mas acaba compondo uma defesa, modalidade discursiva que, em termos aristotélicos, pertenceria ao âmbito judiciário, e não ao domínio do epidítico. Por conseguinte, é evidente que Isócrates faz, no §14 de seu *Elogio de Helena*, uma breve reflexão *metadiscursiva* sobre o gênero de discurso empregado por Górgias em seu discurso homônimo, numa tentativa, talvez, reclassificatória, que desautorizaria seu próprio autor. O *Elogio de Helena* de Isócrates, por seu turno, se propõe a fazer um verdadeiro encômio sobre Helena, superando as deficiências por ele observadas no *Elogio* de Górgias, o qual se propunha a tratar do mesmo tema.

De acordo com John Poulakos em sua análise sobre o *Elogio de Helena* (1986, p. 1-19), a contraposição entre o autor e outros pensadores, sobretudo Górgias, é intencional, pois Isócrates busca salientar que a educação só é possível através da retórica – aquela preocupada com os assuntos sérios e a política. Isócrates opor-se-ia a Górgias por compreender a forma correta do gênero encomiástico, o qual ele põe em prática em seu *Elogio*. Segundo Poulakos (1986, p.8):

In effect, Isocrates has distinguished himself from a) Gorgias by virtue of his own correct understanding of the form of encomium, b) inferior rhetoricians by virtue of his choice of significant and serious topics, and c) eristic philosophers by virtue of his preference for matters that benefit the welfare of the whole society. All three distinctions point to the same conclusion: education in rhetoric, as Isocrates conceives it, is the best kind of education available.

Diversos críticos modernos em retórica clássica geralmente concordam que é “universal na análise de discursos” basear-se na categorização ternária dos gêneros de Aristóteles exposta no capítulo 3 do livro I da *Retórica*: judiciário, deliberativo e epidítico (SCHIAPPA, Edward, 1999, p. 199). O filósofo delimita como principais “subgêneros” do epidítico o encômio – ou, elogio,

epainos – e o vitupério – *psogos* (Aristóteles, *Retórica*, I, 1358b). Em princípio, segundo essa categorização, não seria difícil classificar o *Elogio de Helena* de Isócrates como um discurso epidítico, uma vez que este é, por definição de seu próprio título, um encômio (entendido aqui genericamente como sinônimo de “elogio”).

No entanto, estudiosos como Schiappa fazem determinadas críticas à categorização de Aristóteles, sobretudo no que concerne ao gênero epidítico (*Ibidem*, p. 200):

“Aristotle’s description of epideictic in I.3 arguably does not do justice to the range of rhetorical objectives and activities previously described by *enkomion*, *panegyrikos logos*, and *epitaphios logos* [...].

“...it is misleading to treat *enkomion*, panegyric, *epitaphios*, and epideictic as interchangeable categories, as Aristotle and some of his commentators did...The two most significant characteristics to emphasize are how the audience members are conceptualized as passive spectators and how the relationship of the speaker to the “ends” of epideictic are described in terms that minimize the social and political importance of *enkomia*, panegyrics, and *epitaphioi*.”

Schiappa aponta para uma relevante questão não mencionada por Aristóteles. A importância do gênero epidítico para o filósofo, e, conseqüentemente, dos dois “subgêneros” já citados, seria talvez a de constituir-se como mero exercício retórico, e essa seria a única finalidade de um orador ao compor um texto segundo os preceitos de tal gênero. Todavia, segundo o argumento do crítico, Aristóteles não faz menção à importância social e política que um gênero como o encomiástico possui, assim como o panegírico e o epitáfio. Mais adiante, Schiappa conclui que (*Ibidem*, p.202):

“By focusing on the aesthetic and performance aspects of certain rhetorical practices (*enkomia*, panegyrics, *epitaphioi*), the social and political dimensions were neglected, and the degree of overlap with other rhetorical practices minimized.”

É evidente, portanto, que a classificação de um discurso como o *Elogio de Helena* foi, desde sua composição, e ainda é, de acordo com ensaios de estudiosos modernos, motivo de disputa e polêmica. Se o discurso de Górgias sobre Helena não é verdadeiramente um encômio, mas sim uma defesa (ἀπολογία), como aponta Isócrates, e, se a categorização e definição aristotélicas sobre o gênero epidítico são insuficientes para compreendermos os diversos aspectos dos discursos epidíticos, cabe então investigar os limites que qualquer “gênero retórico” encontra na prática da oratória ateniense anterior a Aristóteles enquanto “gênero puro”, tendo em vista os preceitos de seu

tratado. Assim, uma interpretação do *Elogio de Helena* de Isócrates no tocante à existência de certa unidade temática do discurso ou de uma mistura de temas requer necessariamente uma investigação sobre o entendimento do próprio autor sobre o “gênero” de discurso ao qual se dedica.

2 – A questão da unidade no discurso epidítico

Após o proêmio, Isócrates passa a tecer propriamente seu encômio a Helena, pois, “para que não pareça que estou fazendo o discurso mais fácil, ou seja, criticar os outros sem mostrar a minha própria versão, tentarei falar dessa mesma mulher, deixando de lado tudo que já foi dito por outros [autores].” (§15). O elogio em si começa com uma breve descrição da linhagem mítica de Helena, como uma das nobres filhas de Zeus (16-7), e se sucede com um longo elogio dedicado a Teseu – mais de um quarto de todo o discurso (18-37). Posteriormente, o discurso prossegue com a descrição das relações de Helena com seus pretendentes (38-40) e depois com Páris (41-8). Ao final, são narrados eventos sobre Helena ante o conflito entre gregos e troianos (49-53), um elogio da beleza de Helena (54-60), e, depois, de seu poder (61-6). A peroração (67-9) reafirma a soberania helênica frente aos bárbaros já exposta no Elogio a Teseu, e, em geral, ao longo de todo o discurso.

Uma série de questões acerca do sentido da composição do *Elogio de Helena* e da disposição de suas partes forma a base da discussão já realizada pela crítica. Uma dessas questões refere-se à unidade que há ou não no conjunto da obra, ao longo da estrutura de todo o texto. Se o encômio é praticado de fato somente a partir do parágrafo 16, qual o motivo de haver, dentro do mesmo texto, um ataque a sofistas e professores de retórica, semelhante ao que já fora feito anteriormente pelo autor em seu discurso *Contra os Sofistas*? O que pode tornar o *Elogio de Helena* um discurso uno quanto a seus temas e a seu gênero, se no proêmio encontramos uma crítica alusiva a Antístenes, Platão e os erísticos de Mégara do tempo de Isócrates? Em outras palavras, o que poderia haver de convergente entre a mítica Helena de Homero e da tragédia clássica com os erísticos, por exemplo? Essas questões estão presentes desde a *Retórica* de Aristóteles até os estudos de críticos modernos.

No livro III da *Retórica* (1414b), ao expor as características dos proêmios de discursos epidíticos, Aristóteles afirma ser recorrente o fato deles não terem um tema em comum com o

elogio em si, e, assim, estarem desconectados do restante do discurso, como ocorre precisamente no *Elogio de Helena* de Isócrates:

“[...] καὶ ἐν τοῖς ἐπιδεικτικοῖς λόγοις δεῖ οὕτως γράφειν, ὅ τι [γὰρ] ἂν βούληται εὐθὺ εἰπόντα ἐνδοῦναι καὶ συνάψαι, ὅπερ πάντες ποιοῦσιν. παράδειγμα τὸ τῆς Ἰσοκράτους Ἑλένης προοίμιον· οὐθὲν γὰρ κοινὸν ὑπάρχει τοῖς ἐριστικοῖς καὶ Ἑλένη. ἅμα δὲ καὶ ἐὰν ἐκτοπίση, ἀρμόττει, καὶ μὴ ὄλον τὸν λόγον ὁμοειδῆ εἶναι. [...]”

“[...] e é preciso compor os discursos epidícticos da seguinte maneira: após dizer diretamente qualquer coisa que se queira, deve-se dar um tom ao discurso e conectá-lo, como todos fazem. Um exemplo é o proêmio do *Elogio de Helena* de Isócrates: não há nada em comum entre os erísticos e Helena. Da mesma forma, ainda que o orador se afaste do tema [em alguma das partes], o efeito continua sendo adequado, a fim de que todo o discurso não seja uniforme.”

O filósofo compara o proêmio dos discursos epidícticos ao prelúdio musical dos tocadores de *aulos*, tendo eles a mesma função: introduzir a canção com um tom adequado, para que ele possa se ligar satisfatoriamente ao restante dela. Semelhantemente, ainda que o autor disponha temas diferentes no proêmio e no elogio, como é de fato o caso do *Elogio de Helena* de Isócrates (*grosso modo*, um proêmio contra os erísticos [§§1-14], “desconectado” do elogio em si que o sucede), seu discurso não “perde seu valor” enquanto composição epidíctica, pois, segundo Aristóteles, é assim que se deve operar em discursos dessa natureza. Por essa razão, se a pluralidade de temas é possível na retórica epidíctica no entendimento de Aristóteles, tendo em vista seu conhecimento do texto de Isócrates e de outros autores do período, a mescla de temas dentro de um mesmo discurso epidíctico não só é possível e aceitável dentro dos limites de composição desse modelo, como também esse mesmo discurso passa a ter considerável virtude por não ser monótono, na medida em que o tom uniforme, ao contrário, poderia torná-lo fastidioso segundo o filósofo.

Todavia, ao contrário do que Aristóteles definiu na Antiguidade, George Kennedy, em seu ensaio sobre o *Elogio de Helena* (1958), defende certa unidade temática no discurso de Isócrates, argumentando que ele se constitui como um “documento pan-helênico” – i.e., uma defesa de valores heroicos que unificam os gregos frente a outros povos. Embora essa unidade possa não estar aparente em outros aspectos do texto, ele conserva em si um caráter de ordem política para os ouvintes, exaltando o valor dos gregos, e, sobretudo, dos atenienses. Para tanto, Kennedy sustenta sua tese, dentre outros argumentos, ressaltando a função do Elogio a Teseu e da Peroração do discurso, e recorrendo aos estudos de Werner Jaeger (*Paideia* III, 1944).

Jaeger apontara para o fato de que, em outro discurso de Isócrates – o *Panegírico* – o autor também fizera uma exaltação dos valores gregos, e, de certo modo, se insere dentro de uma tradição, desde a *Iliada* de Homero e a *História* de Heródoto. Tais obras também poderiam ser compreendidas como documentos pan-helênicos, pois exaltam os feitos heroicos e a soberania helênica ante os bárbaros. No *Elogio de Helena*, Isócrates teria feito algo semelhante, pois, ao longo do discurso, ele insiste na ideia de que a soberania helênica também se dá pela imagem de Helena por diversas formas: seu valor, sua beleza e sua linhagem, retomando o que no próêmio é considerado um tema nobre a ser tratado. Por conseguinte, os helenos foram superiores aos troianos na guerra motivada por ela, e “a Europa ergueu um troféu na Ásia” (parágrafo 67). Jaeger, no entanto, concorda com a tese de Aristóteles na *Retórica*: o próêmio não tem conexão alguma com o restante do discurso (1944, p. 305).

De fato, uma breve análise do “Elogio a Teseu” poderia apontar para aspectos que, de certa maneira, corroboram com essa interpretação da finalidade pan-helênica do discurso. Por que motivo o “Elogio a Teseu” é tão extenso – ocupa mais de um quarto da obra – se o elogio é dedicado a Helena? Qual o motivo de Isócrates ter se dedicado a Teseu, dando a ele especial atenção no discurso? De acordo com a hipótese de Kennedy, não por acaso Teseu, herói ateniense, é comparado por Isócrates com Hércules, herói lacedemônio. Aceitando que o discurso foi mesmo composto por volta (ou pouco depois) de 390 a. C., Isócrates e seus contemporâneos viviam ali em um recente período pós-guerra do Peloponeso, a qual acabara em 404 a.C. Uma vez que, antes dessa guerra, Atenas figurava como a principal das cidades helênicas, e modelo político para as muitas das demais, o povo ateniense estaria provavelmente ainda fragilizado pela derrota nessa guerra, e, conseqüentemente, não possuindo mais o mesmo *status* de outrora. Nesse sentido, o “Elogio de Teseu”, portanto, constituiria de certa forma uma revitalização da memória e uma exaltação da grandiosidade dos atenienses frente aos espartanos dentro do mundo helênico. Desse modo, o teor político dado ao tema do *Elogio de Helena* persiste ao longo de toda a obra. Segundo Kennedy (1958, p.81):

“...praise of Theseus (21-37) which occupies about a quarter of the work, a considerable portion of which is in turn devoted to a comparison of Theseus and Heracles. If now, according to my hypothesis, we regard the speech as concerned somehow with Panhellenism, it seems significant that the principal Athenian hero is compared to the principal hero of the Peloponnese, to the advantage of the former.”

E, ainda, para Kennedy, a Peroração do discurso também remete a esse teor político. Como já mencionado, a reconquista de Helena pelos gregos simbolizou a soberania deles contra os bárbaros. É por causa de Helena, segundo Isócrates, que, em seu tempo, os helenos não eram escravizados pelos bárbaros, uma vez que, desde a Guerra de Troia, eles demonstraram e consolidaram aquela supremacia.

Gunther Heilbrunn, por sua vez, num ensaio sobre a composição do *Elogio de Helena* (1977, p. 147-159), refuta a tese de Kennedy, destacando, dentre outros aspectos, que o discurso nada mais é do que “um documento retórico-sofístico”. Ao longo de sua argumentação, Heilbrunn defende que a primeira parte do proêmio (1-7) é “desligada” de todo o resto, pois constituiria exclusivamente uma crítica a Platão. No entanto, a segunda parte do proêmio (8-15), segundo o crítico, estaria totalmente relacionada ao corpo do elogio a Helena. De acordo com Heilbrunn (1977, p.158):

“...in Part II Isocrates approves his choice of Helen – clearly a useless theme in the terms of Part I – as the theme of an encomium. Part II [do proêmio] is relevant to the encomium and introduces it appropriately. In it Isocrates explains the choice of Helen as his theme and the novelty of his approach. He does not find it necessary to justify the writing of an encomium in terms of utility or for any other reason; the encomium is simply a given.”

O proêmio do *Elogio de Helena*, conforme dissemos há pouco, é muito semelhante ao breve discurso *Contra os Sofistas*: em síntese, Isócrates contrapõe a *paideia* de outros educadores a seu modelo educacional, demonstrando seu método como uma superação do que foi feito antes ou até do que está sendo feito por seus contemporâneos. A introdução do *Elogio de Helena*, sobretudo a segunda parte (8-15), aparentemente desligada do restante, aproxima-se do elogio em si como uma forma de primeiro criticar e depois demonstrar um melhor meio para a prática “retórica”, ou, no caso de Isócrates, para a prática de sua filosofia. Apesar disso, segundo Heilbrunn, a unidade integral do discurso não se realiza, nem o tema do discurso é político, mas sim pedagógico. A primeira parte do proêmio (1-7), portanto, não tem conexão com a segunda (8-15), nem muito menos com o restante do discurso de acordo com o crítico. Logo, haveria unidade apenas entre a segunda parte do proêmio e o elogio em si. Heilbrunn conclui que (1977, 159):

“The basic reason, then, for the discontinuity in the proemium is that in Part I Isocrates is locked in conflict with Plato over the value of rhetorical education, while in Part II he is introducing his encomium with a polemic against fellow writers of encomia and against Gorgias.”

John Poulakos, em seu artigo de 1986, argumenta em favor da existência de uma unicidade temática no *Elogio de Helena*. Para o autor, aquilo que foi criticado na introdução do discurso será posto em prática no corpo do texto, visto que o próprio Isócrates justifica a composição do elogio para não parecer que apenas criticou sem deixar de oferecer uma alternativa melhor para o mesmo tema, i.e., ele pretende demonstrar como praticar o gênero epidítico no discurso efetiva e eloquentemente. Segundo Poulakos, o tema central do *Elogio de Helena* é a beleza da rainha lacedemônia, uma vez que essa virtude constitui a principal característica pela qual Helena é admirada em toda a cultura helênica através dos tempos (1986, p.8-9):

“If the *Helen* is about one thing, it is about the pursuit of beauty. Helen was pursued by mortals and gods alike not because she was knowledgeable, rational, or wise but because she was beautiful.”

“What makes Helen beautiful is of little concern to Isocrates. What constitutes beauty matters even less. The point is that Helen is beautiful, a point so evident, so apparent, and so universally accepted no one could contest it.”

A escolha pelo tema por parte de Isócrates era assunto sério, elevado, e, como ele mesmo diz, difícil de ser tratado (12-13). Esse tema recebe destaque específico, pois, nos últimos parágrafos do discurso (54-60), o autor se volta para um elogio da beleza. Sendo assim, se o tema da beleza de Helena, ligada a seu valor, linhagem e fama, é mencionado no proêmio e executado no corpo do discurso, o *Elogio de Helena* possui uma fundamental unidade temática para Poulakos: τὸ κάλλος. Poulakos assim conclui (1986, p.15):

“If the above analysis is correct, the *Helen* is a rhetorical composition inviting prospective students to study the kind of rhetoric Isocrates teaches. After criticizing the kinds of discourse taught by other teachers, Isocrates offers his own version as a superior alternative. In and through the *Helen*, he illustrates that that discourse is best which interweaves compelling arguments, elevated notions, and graceful form, and which aspires to move its listeners to better themselves. As I have shown, the central argument of the *Helen* is that beauty is worthy of pursuit.”

Além disso, Poulakos ainda afirma que o objetivo de Isócrates é também ser capaz de tratar um assunto tão grandioso como os poetas também o foram, segundo a hipótese de que o orador teria como influência os poetas gregos arcaicos. Segundo o crítico (1986, p.10):

“the choice to write a rhetorical composition that draws from the poetic tradition makes a case for the philological rather than the philosophical path; and his choice of Helen, a topic that naturally leads to a discussion of κάλλος (beauty) [...]”

Terry Papillon, por sua vez, escreveu um artigo que versa especificamente sobre a questão da unidade no *Elogio de Helena*. Para ele, o discurso possui uma unidade temática progressiva, a qual culmina com o encômio em si. Inicialmente, o autor aponta para o fato de alguns estudiosos de Isócrates não terem se atentado para a noção de *logos*, gênero, ou gênero epidítico, conforme Isócrates provavelmente os entendia em sua época. Segundo Papillon (1996, p. 377-8):

“...we may also add to the recent discussion of how genres are to be understood in early Greek prose. That is to say, the difficulty in understanding the unity of the speech may arise because we do not see the flexibility that is possible in *lógos* at the time the speech was composed...modern scholarship has used neo-Aristotelian categories to understand the *Helen*. Isocrates, however, writes at a time when such powerful conceptualization has not yet taken control of the intellectual playing field.”

Uma vez que a composição do *Elogio de Helena* é consideravelmente anterior ao tratado de *Retórica* de Aristóteles, é evidente que Isócrates não procederá segundo os moldes dos conceitos aristotélicos, e que, por conseguinte, de acordo com o conceito de “encômio” que ele concebia, fosse ele qual fosse, haveria a possibilidade de seu discurso ter uma unidade temática. Ainda que Aristóteles não tenha reconhecido essa unidade na obra de acordo com seus conceitos, o próprio Isócrates pode ter, por outro lado, se atentado à necessidade de uma unidade temática nesse discurso, ou mesmo não ter se preocupado com a questão, já que não podemos saber com exatidão as diretrizes teóricas do que ele e seus contemporâneos entendiam por “encômio”.

Em sua conclusão, Pappilon, após ter contestado as teses de Kennedy, Heilbrunn e Poulakos, oferece uma nova alternativa para o entendimento da unidade temática no *Elogio de Helena*. Para o crítico, todo o elogio é composto em uma “progressão lógica”, na qual Isócrates, critica (i) alguns oradores por não tratarem de assuntos sérios, (ii) Górgias, por ter escolhido um bom tema, sem ter, todavia, praticado com propriedade o gênero que propusera no início, e, finalmente, (iii) apresenta a sua versão melhorada e mais coerente de um tema grandioso, de acordo com a prática encomiástica proposta. Papillon então conclui que (1996, p.389):

“Isocrates' speech does have a unity, showing a logical progression from authors with bad topics, through an author with a good topic treated unsuccessfully, to his own example of how a good topic can be treated well.”

Aceitando, portanto, que Isócrates não deveria ter em mente as considerações aristotélicas sobre o gênero epidítico, às quais a crítica moderna está habituada a recorrer para analisar seus discursos e de outros autores da oratória grega do período clássico, e que, como foi defendido por Papillon, ele poderia ter em mente outros conceitos sobre gêneros discursivos bem determinados em sua época, seria mais apropriado, então, tentar buscar em outros discursos de Isócrates como ele concebia a sua própria prática discursiva e os gêneros aos quais se dedica, verificando como eles foram pensados pelo próprio autor.

3 – *Antídose e Busíris*

Dentre os discursos de Isócrates, o *Antídose* e o *Busíris* podem ser citados como bons exemplos para a presente discussão. O primeiro deles é datado como o antepenúltimo discurso composto pelo autor (356 a.C.), de difícil classificação, pois se trata de seu discurso mais longo e complexo, como ele mesmo destaca ao longo do próêmio (1-13). O segundo, por sua vez, constitui um típico encômio isocrático, desta vez dedicado ao mítico rei egípcio Busíris, e com um próêmio de caráter invectivo muito semelhante ao do *Elogio de Helena*.

No discurso *Antídose*, composto já próximo ao fim de sua vida (aos 82 anos de idade – §9), Isócrates traça um largo panorama de sua vida como educador e de seu pensamento: ele justifica sua atividade como professor de oratória e defende seu tipo de *paideia* sob a alcunha de “filosofia”, de maneira muito mais ampla e fundamentada do que no *Contra os Sofistas*. Por se tratar de um grande retrospecto de sua carreira, o discurso caracteriza-se inevitavelmente como uma obra variegada, com muitos temas a serem expostos e discutidos. Dentre os diversos aspectos do pensamento isocrático apresentados no *Antídose*, é possível percebermos, já em seu próêmio, como Isócrates concebia naturalmente uma mistura de temas em um mesmo discurso. Dessa forma, por se tratar de um grande apanhado de preceitos de seu pensamento e acontecimentos de sua vida, o autor justifica a possibilidade de uma pluralidade genérica na obra que está começando a compor, e assim adverte o leitor no próêmio:

12. Χρή δὲ τοὺς διεξιόντας αὐτὸν πρῶτον μὲν ὡς ὄντος μικτοῦ τοῦ λόγου καὶ πρὸς ἀπάσας τὰς ὑποθέσεις ταύτας γεγραμμένου ποιεῖσθαι τὴν ἀκρόασιν, ἔπειτα προσέχειν τὸν νοῦν ἔτι μᾶλλον τοῖς λέγεσθαι μέλλουσιν ἢ τοῖς ἤδη προειρημένοις, [...]

12. Aos que vão examinar este discurso, é necessário estarem atentos, antes de tudo, ao fato de que ele é escrito como um *discurso misto* e aberto a todos os temas, e, então, concentrarem-se mais no que será dito do que em minhas antigas palavras. [...]

Por falta talvez de um termo mais técnico que pudesse melhor caracterizar sua obra, Isócrates define o *Antídose* como um discurso misto (μικτοῦ τοῦ λόγου). Considerando, pois, que a mistura de gêneros ou de temas pudesse ser uma prática comum nos discursos do autor, é razoável supormos, portanto, que, anteriormente, na composição de seu *Elogio de Helena*, no início de sua carreira como professor de oratória, ele também já o tenha escrito pensando mais ou menos nesses termos. Seu discurso, de certa forma, pode ser compreendido como um discurso plural, mesclado e, além de tudo, aberto a muitos temas, segundo suas próprias palavras no *Antídose*. Nesse sentido, se o próprio Isócrates reflete sobre a prática de discursos genericamente mistos, é possível conjecturar que ele mesmo não considerasse haver uma unidade temática no *Elogio de Helena*, sem que isso, no entanto, implicasse necessariamente qualquer problema de ordem discursiva em sua composição.

No caso do discurso *Busíris*, datado provavelmente da mesma época que o *Elogio de Helena* (385 a.C.. Cf. HERMIDA, Juan, 1979, p. 181), Isócrates demonstra semelhantemente como já compunha seus discursos em caráter misto. Trata-se de outro elogio, dedicado dessa vez para o mítico rei do Egito, Busíris, o qual era conhecido por não ser muito amistoso com seus hóspedes, além de muito violento para com seu povo (Cf. Heródoto, II, 45). Assim, o discurso constitui um elogio que tenta demonstrar o quanto essa má fama de Busíris é infundada, por ter se tratado, segundo Isócrates, de um grande rei. Isócrates, porém, antes de tecer imediatamente o elogio, compõe o proêmio (1-9) num tom invectivo contra o sofista ateniense Polícrates. Este, anteriormente, compusera outro elogio a Busíris, o qual não foi muito bem escrito aos olhos de Isócrates:

4. Αἰσθόμενος οὖν οὐχ ἥκιστα σε μεγαλαυχούμενον ἐπὶ τε τῇ Βουσίριδος ἀπολογία καὶ τῇ Σωκράτους κατηγορία, πειράσομαί σοι ποιῆσαι καταφανές ὅτι πολὺ τοῦ δέοντος ἐν ἀμφοτέροις τοῖς λόγοις διήμαρτες. [...]

4. Então, por ter percebido que tu estás um tanto orgulhoso de tua *Defesa de Busíris* e de tua *Acusação de Sócrates*, tentarei te esclarecer que, em ambos os discursos, tu te equivocaste mais do que o necessário. [...]

5. [...] Βουσίριδος ἀπολογήσασθαι φάσκων οὐχ ὅπως τῆς ὑπαρχούσης αὐτὸν διαβολῆς ἀπήλλαξας, ἀλλὰ καὶ τηλικαύτην αὐτῷ τὸ μέγεθος παρανομίαν προσῆψας, ἧς οὐκ ἔσθ' ὅπως ἂν τις δεινότεραν ἐξευρεῖν δυνηθείη. [...]

5. [...] ao afirmar que defendes Busíris, tu não apenas não o libertas da calúnia inicialmente existente, como também atribuis a ele um delito tão grande que não seria possível a ninguém descobrir algo pior. [...]

Polícrates, que exercia a profissão de sofista em Chipre, é duramente atacado por Isócrates ao longo de todo o proêmio do *Busíris*. A invectiva é muito semelhante àquela realizada contra Górgias no *Elogio de Helena*, como vimos há pouco. Tal como naquele discurso, Isócrates critica aqui um outro discurso homônimo, composto anteriormente também por um sofista, demonstrando, no proêmio, o quanto aquela obra era deficiente em vista de seus propósitos, i.e., um discurso que pretendesse convencer os ouvintes do quanto foram injustas as difamações feitas ao rei Busíris por tanto tempo. Após o proêmio, portanto, em ambos os discursos, o autor se propõe a tecer verdadeiramente um encômio; lá, para Helena (em resposta a Górgias), aqui, para Busíris (em resposta a Polícrates).

Nesse sentido, portanto, ambos os discursos, inclusive por terem sido compostos provavelmente na mesma época, são notoriamente semelhantes, e, do mesmo modo que o *Elogio de Helena*, o *Busíris* de certa maneira também não possui unidade discursiva, visto que, antes do discurso se estabelecer propriamente como um elogio, ele é composto, em seu proêmio, com um tom declaradamente invectivo. Assim, seria possível supor que Isócrates, além de ter pensado evidentemente as duas obras nos mesmos moldes, talvez não julgasse problemático compor um discurso epidítico que se constituísse inicialmente em uma invectiva, e, posteriormente, em um elogio.

4 – Conclusão

Conforme pudemos observar ao longo deste estudo, o *Elogio de Helena* de Isócrates está sem dúvida suscetível a diversas abordagens e interpretações. Os problemas que envolvem a questão do gênero epidítico, e, por conseguinte, da unidade do discurso, estão abertos às mais variadas leituras, desde Aristóteles até a crítica moderna. A alternativa, entretanto, proposta no final do trabalho para as questões levantadas no início, foi a de tentar encontrar algumas respostas na

obra do próprio autor, através de suas próprias reflexões *metadiscursivas*. Em outras palavras, antes de considerarmos qualquer análise da obra de Isócrates, antiga ou moderna, é de suma importância nos voltarmos para a leitura atenta de passagens do *corpus* isocrático em que o autor reflete e discute a respeito de sua própria prática discursiva, dando especial atenção aos termos de que ele se vale para definir sua prosa. No caso do *Antídose*, por exemplo, verificamos que a expressão μικτοῦ τοῦ λόγου é central para a compreensão da obra; no *Busíris*, por seu turno, percebemos a existência de moldes semelhantes utilizados na composição dos encômios isocráticos, tais quais também observamos no *Elogio de Helena*. Tais análises, portanto, podem, de algum modo, levar os leitores e estudiosos de Isócrates a outros caminhos interpretativos de problemas semelhantes aos que aqui foram apontados inicialmente.

Bibliografia citada:

- HEILBRUNN, Gunther. The Composition of of Isocrates' Helen. *American Philological Association*, Vol. 107, 1977, p. 147-159.
- HERMIDA, Juan Manuel. *Isócrates, Discursos*. Madrid: Editorial Biblioteca Gredos, 1979.
- JAEGER, Werner. *Paideia III, The Ideas of Greek Culture*. New York, 1944.
- KENNEDY, George. *A new History of Classical Rhetoric*. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- _____. "Isocrates' Encomium of Helen: A Panhellenic Document", *American Philological Association*, Vol. 89, 1958.
- NORLIN, George (1928) & VAN HOOK, LaRue (1945). *Isocrates, vols. I, II & III, The Loeb Classical Library*, Harvard: Harvard University Press.
- PAPILLON, Terry. Isocrates on Gorgias and Helen: The Unity of Helen. *The Classical Journal*, Vol. 91, No. 4, 1996.
- POULAKOS, John. Argument, Practicality, and Eloquence in Isocrates' "Helen", *Rhetorica*, Vol. 4, Nº 1, (Winter, 1986), pp. 1-19.
- SCHIAPPA, Edward. *The Beginnings of Rhetorical Theory in Classical Greece*. New Haven: Yale University Press, 1999.

Recebido em Junho de 2017
Aprovado em Julho de 2017

